

O porco na zoolatria Ibérica

POR

Rogério Azevedo *

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto
e do Conselho Director da S. P. A. E.

No primeiro fascículo do vol. XIX de *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, saiu há tempos um pequeno artigo meu com o título sugestivo de — *O porco na Etnografia Ibérica* (1) — que eu, muito prudentemente, subintitulei de *subsídios* para não parecer jactância a inculcar estudo porcino.

Isto seria lastimável por ultrapassar a minha actual capacidade e se afastar muito dos meus confinados intentos, como se verá.

Tinha, porém, a esperança — ambiciosa, por certo — de que algum abalizado letrado ou abencerragem zoólogo me viesse à mão aprovando — ou, mesmo desaprovando — estas escabichadelas com argumentos muito científicos e, portanto, respeitáveis mas que por mim eram lastimosamente esquecidos ou, mesmo, ignorados.

Como todavia esta tão natural ambição se esfumasse num silêncio de claustro, nada aconteceu, portanto, a não ser o ruir da modesta esperança que foi desilusão.

Nasceu-me então em mente, este corriqueiro mas acabrunhante dilema — ou que toda a gente conhecia e percebia a legenda, sendo, portanto, inútil dar-lhe qualquer atenção para

* Avenida Marechal Gomes da Costa, 1411 — 4100 Porto.

(1) Rogério Azevedo, *O porco na Etnografia ibérica* (Subsídios) — in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 1963; fasc. 1.º do Vol. XIX, págs. 80-87.

não parecer jactância ou que por pouco explícito o meu arrazoado, obteria assim, foros de esquepática charada.

Isto seria cativante para um decifrador mas muito lastimável para quem, como eu, lê para aprender.

Optei no entanto contra a prudência (ou pela prudência?) ater-me à primeira hipótese, isto é, que toda a gente entendia a legenda gravada, o que para mim foi aliciante, por ter companhia.

Eis, portanto, o motivo que me animou a vir agora a público com estas mal alinhadas regras, como achega ao conhecimento de todos os que se interessam por estas *pequenas* coisas que, se não dão pão a ninguém também não o tiram.

Ora eu deixei, praticamente, desde há dois anos, este agradável desporto de escrever e, sobretudo, de me dedicar à *Epigrafia* que durante largos anos me empolgou e foi para mim quase devoção.

Isto porém, não me inibe de reincidir esporadicamente e é por isso que aqui estou agora. Vamos, portanto ao assunto que o tempo é asa.

A legenda em questão é interessante — perdoe-se-me este lugar comum tão maneirinho — . É grega, gravada numa mistura de caracteres latinos e gregos e pode inserir-se no conjunto de inscrições dedicadas ao *porco* (manso ou bravo) já por mim publicadas há anos num volume intitulado *Onomástico Ibérico* cuja edição está há muito esgotada.

Ora a inscrição com que o sr. Dr. Agostinho Campos Ferreira teve a amabilidade de me aliciar neste desporto em que não há vencidos, é do berrão de Paredes da Beira concelho de S. João da Pesqueira, e nele lê-se o seguinte:

ΑΓΕΡ₂ΟCCON₁

Para qualquer pessoa desprevenida ou pouco iniciada na *Epigrafia* e, sobretudo, no grego, pouco ou nada diz. Será apenas um acerbo de letras sem nexos. Contudo, analisando-a bem ocarrem, naturalmente reminiscências de outras que nos facilitam a interpretação.

Assim, os dois CC estão como reforço de letra que aqui seria a representação de *Qui* (X). É afinal, o único ponto que pode embarçar a leitura da inscrição, sobretudo para quem não estiver habituado a estes *enigmas*.

Segundo o meu juízo não há mais particularidades de monta a salientar, a não ser uns pequenos apêndices que enumero: — A perna do R e a perna do M da última palavra. Estes dois acréscimos sugerem labor posteriormente executado.

Ora, para a boa compreensão da legenda e antes de a apresentar em minúsculas convém colocar os caracteres maiúsculos gregos em confronto com os da inscrição — pois que esta é grega — como muitas outras já por mim interpretadas e dadas consequentemente, a público,

ΛΓΕΡ₂ΟCCON₁ — ΑΓΕΡΟΧΟΝ

que em minúsculas seria:

ἀγέροχον ου ἀγερῶχον.

Como se verifica é *adjectivo* que tomado no bom sentido significa: — *nobre, altivo, glorioso* apelativos que primitivamente tinham este significado, posteriormente acrescentados com os de: — *arrogante e insolente*.

Ainda podia ser *advérbio* — ἀγερῶχος (*orgulhosamente, altivamente*) *divisa* muito própria das gentes altaneiras dos nossos *crastos*. Para isso devíamos interpretar o M final como um *sigma*.

Quer isto dizer, segundo o meu critério, que os significados variariam à medida dos prejuízos que o animal causava e, a quem os causaria — se a amigo se a inimigo.

No entanto, quer seja *adjectivo* quer seja *advérbio*, pouca diferença há na legenda, embora me pareça que como *advérbio* fosse mais apropriado a *divisa* quer seja ou não guerreira; a *destrinça* deixo-a ao critério do paciente e ilustrado leitor.

Na etnografia luso-galaica, o porco foi elemento de grande importância quer na forma doméstica quer na selvagem. Nesta,

todavia, atingiu as culminâncias de divindade com a qual era prudente estar nas *boas graças*...

As diversas referências ao *porco* que frequentemente se deparam, são, sem dúvida, os vestígios dum culto peculiar às regiões do Norte onde, muito naturalmente deve ser incluída Galiza.

Há nas inscrições recolhidas por Hülmer, tanto no *Corpus* (vol. II) como nos *M. L. Ibericae*, frequentes alusões ao *porco* — quer doméstico quer *selvagem* — que, por não terem sido devidamente evidenciadas por falta de oportunidade, certamente, nunca puderam ser reunidas como neste momento tive a ousadia de fazer.

Este caso, portanto, que nunca chamou as atenções dos estudiosos destas coisas, merece que se atente nele pelo menos por agradecimento ao animal que tanta satisfação tem dado à gula por intermédio da culinária, e, ainda, para que não venha algum remanescente celtómano afirmar que a inscrição seja *celta*...

Para completar o trabalho vou apendicular a «série porcina» das inscrições publicadas na revista da nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia, fasc. I, Vol. XIX, cit., com as correcções que julguei oportuno fazer.

I — Como divindade ligada a *Marte*, numa das suas metamorfoses, a de javali, para matar *Adónis*, vd. a inscrição de *Tuy* (Cf. *Relig. da Lusit.*, v. III, págs. 6-7, e a correcção posterior de F. BOUZA-BREY in *Rev. de Guimarães*, vol. LXIII, n.º 1 — 1953, págs. 140-144).

MARTICAPRIOCIECO — *Marti κάπριοσι(ά)-eco*.
de *κάπριος* + *σιά* + o sufixo ibérico — *eco* (dat. de *ecus*).

V. A *Marte*, na divina forma de javali.

II — Inscrição de *Lourizán*, Espanha, referida por F. BOUZA-BREY como *VESTIO ALONIECO*, *deidad galaica* (in *Arch. Esp. de Arqueología*, 1946, pág. 110).

VESTIOALONIECO ὄες τῶ ἀλωνι — *eco* (dat. de *ecus*).

V. *Os porcos que eu adore no halo luminoso (no sol).*

O ilustre Arqueólogo dividiu o conjunto em duas partes apenas — *vestio + alonieco* —. Eu fragmentei-o em quatro partes, ou seja, o que está acima: — VES TIO ALONI ECO em que o último elemento é o sufixo ibérico de adjectivação, *eco*, dat. de *ecus*.

III — A inscrição a seguir é de Beiriz (Cf. *Póvoa de Varzim*, «Boletim Cultural», ed. da C. M. da Póvoa de Varzim, vol. II, n.º 2, 1959 — págs. 201-208).

VIEANI
 ΔVSIBN
 DVIOCCLE

βίη ἀνία ὅσι βάν δούος κλη[ρος].

.....

.....

.....

V. *O emprego da força e o cuidado com os porcos—pesada herança—foram-se (acabaram).*

Não sei se as três linhas que aqui destaquei, correspondem a uma divindade polinómica ou não; fundamenta-se esta dúvida na falta do sufixo ibérico. Daqui poderá inferir-se que não seja divindade, mas apenas um voto feito por um liberto chamado *Cornelio* que passou a vida a forçar porcos, na matança.

IV — A inscrição seguinte onde se fala, sem dúvida, de porcos bravos, é a célebre inscrição de *Lamas de Moledo*, referenciada pela primeira vez em 1630, por MANUEL BOTELHO RIBEIRO PEREIRA (Cf. *Diálogos Moraes, Históricos, Políticos, etc.* Viseu 1630, Cap. XVI, folha 83 v. e folha 85; manuscrito existente na Biblioteca M. do Porto).

Depois deste, falaram dela, o cónego JOSÉ DE OLIVEIRA BERARDO, em 1857; a seguir HÜBNER e GURLITT. Em 1935, HERNANDO BALMORI (Cf. *Emerita*, tom. III, 1935, págs. 77-119) faz um longo estudo com frágeis conclusões e, por último, o autor destas linhas.

.....

VEAMNICO . RI
 DOENTI
 ANC . OM
 LAMATICO . M
 CROVCEAIMAC . A
 REAICOI . PETRANIOIT —
 ADOM . PORCOMIO . VEA
 CAELOBRICOI .

βίαν νικῶ. ῥιθῶ ἦν τι ἀγκῶν.
 λαματικῶν. Χρῶ οὐ λέαι μάλα.
 ρέα ἰ λοῖ. πετρᾶνιοι τ' ἄδον.
 πόρκων ἰῶ. βίαι κηλοδρῖκοι.

V. *Era próprio dos audaciosos dos vales, não deixar qualquer cair a pele facilmente por si próprio no combate e os importunados pelas pedras, com boa razão cantavam: — As forças para um só dos porcos, ó cidadãos dos dardos! —*

V — A inscrição seguinte é de achado muito recente. Foi descoberta em 1959 pelo Dr. Adriano Vasco Rodrigues, no *Cabeço das Fráguas*, Serra da Estrela, próximo da Guarda, numa enorme «bola» de granito conhecida por «Pedra da Moira».

No local há vestígios dum *crasto*. Desta inscrição deu sumária notícia, em 1959, na revista *Beira Alta*. Em 1960, na mesma revista, apresentei a sua interpretação que é, aproximadamente, a que aqui se exhibe:

OILAM . TREIOI . AU .
 INOI . PORCOM . LAMBO .
 COMAI AM . ICCONA . LOIM
 IAINA . OILAM . VSSEAM .
 TREIII . AVNE . INOI . TAVROM
 APA ◊ EM
 REVSEIM

οἱ λᾶν τρεῖ οἱ αὐ ἰν' οἱ πόρκων λᾶν βῶ
 κόμαι ἄν ἰσλον ἁ λοιμία ἰ νᾶ'
 οἱ λᾶν ὅς σ' ἔαν τρεῖ ἐ αὐ νῆ
 ἰν' οἱ ταυρῶν ἀπαθῆν ῥέουσεν.

V. *Até que ponto receia ele olhar? Até que ponto pois, para eu ter de ir com ele olhar o porco, se as folhagens impedem? A peste corre por si própria!... Até onde o*

javali te deixar olhar, então, sim, receia-o, porque mudando-o em touro não sofre haver de correr!

VI — A inscrição seguinte é de Arroyo del Puerco, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER (C. I. L., II, 379) sem porém, a interpretar.

boEMINA . INDI . ENV	βῶ; ἔμ[ε]ινά [ε]ῖν Δι
PETANIM . INDI . AR	ἦν οὐπ'ἦτ'ἄν ἔν
IMOM . SINTAMOM	[ε]ῖν Δι ἀρ'ἰμ'ῶν
INDI . TEVCOM	σ'ῶν ταμών [ε]ῖν Δι
SINTAMO	τεόλον σ'ῶν ταμῶ!

V. *Que eu vá?*

Fiquei! Com o poder de Zeus estava!

De maneira nenhuma estaríeis para si, com o poder de Zeus!

Será que te mutilando o porco, realmente, com o poder de Zeus, fabricavam a cobertura?

Que eu te mutile o porco!

VII — Esta outra inscrição é da mesma região da anterior — Arroyo del Puerco — e apresenta-se com as mesmas características. Foi também recolhida por HÜBNER. Já foi por mim discutida.

AMBATVS	<i>Ambatus scripsi</i>
SCRISI	Κάρ λάε πρα[ε]ῖ σῶν σε κ[ε]ῖ ἄς
CARLAE PRAISOM	ἦρ βᾶ μῦῖ τι ἕας ἀρ'ἰμῶ
SECIAS . ERBA . MVITIE	πραε[ι] σῶν; δῶ σ'ῶν γῆ εὐσίν[ε]ῖ
AS . ARIMO . PRAESO	αὐ ἄ [ε]ῖν Δι βία σὺν [ε]ῖν Δι
NDO . SINGEIEYO	νῆ δ'ἄγα ῥῶν τευλαέκων
INI . AVA . INDI . VEA	[ε]ῖν Δι νοῦ ῥ'ἔν Ι Γ Γ
VN . INDI . NEDAGA	ὕδει ἐκ ῥ'οὐρ[εῖ] σε ::
ROM . TEVCAECOM	κῶ; ἀμπίλου ἄ [ε]ῖν Δι!
INDI . NVRIM . Ι Γ Γ	
VDEIEC . RVRSE : : CO	
AMPILVA	
INDI	

V. O Cário olhava.

*A Primavera, com o calmante das aves que cantam,
chegou, tanto que tens vontade de te estender.*

Por que estavas? Por causa do rato?

*Será que tiro água do poço com o calmante das aves
que cantam?*

Que ele te possa dar o porco com a terra!

*Ela produzia então bom vinho, ao mesmo tempo com
o poder de Zeus?*

À força?

*Como se disse, com o poder de Zeus; sim, por causa
da manha dos fluxos de ventre a preparar recusa.*

*Para si próprio, com o poder de Zeus em pensamento,
o dó, ré, lá. canta, depois, urina-te, com certeza.*

Como?

Em cima da cobertura, juntamente com o poder de Zeus!

VIII — Remato estes breves subsídios com uma inscrição bastante curiosa gravada em caracteres arcaicos ibéricos em escrita retrógrada.

É de *Sierra de Gados*, Almeria, Espanha, e foi recolhida por HÜBNER, nos *M. L. Ibericae*.

Pelo que se verá, é um preçário de alveitar, em relação com serviços diversos a prestar na assistência à espécie porcina. Os preços são quatro e vão gradualmente diminuindo na proporção do menor serviço reclamado. As linhas vão numeradas para a consequente referência: a quarta está invertida.

||||| ||| ↑ } ☒ ✕ ¶ ¶ 9 X M } 0 ☒ ¶ ¶ V 4 4 0 Δ I — 1
 ||||| ||| ↑ } ☒ ✕ ¶ ¶ 9 X M } 0 ¶ ¶ ↑ ↑ 0 M ¶ — 2
 |||| ↑ } ☒ ¶ ¶ 9 X M } 0 ¶ ¶ ↑ ↑ ☒ ¶ — 3
 ¶ ¶ V / ¶ ¶ 0 } W X b ☒ ¶ ¶ ↓ III — 4

- 1 — ἴδω ρεῖ' ὕεῖα ὦν στῆ ἀὶ ἄνη: — θ'...
- 2 — ψῶ ῆ πῆ (ου πῆ) εἰ ὦν στῆ ἀὶ ἄνη: — ζ'...
- 3 — ἔα ῆ πῆ εἰ ὦν στῆ ἀὶ ἄνη: — δ'...
- 4 — ἴν' ἐπὶ ἰὼν στῆ ἀὶ ἄνη: — γ'...

A versão correspondente aos numerais, seria:

1 — «Que eu examine sem dificuldade a espécie de porcos que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução: 9...?»

2 — «Que eu limpe (ou esfregue) ou, de qualquer maneira, desde que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução: — 6...?»

3 — «Pretende desistir ou, de qualquer maneira, desde que, depois disso, se ponha de pé; cada vez, execução — 4...?»

4 — «Havendo de voltar lá, a seguir, depois que se ponha de pé; cada vez, execução: 3...?»

Suponho que este seja o documento mais antigo sobre alveitares, pelo menos na Península Ibérica.

Com esta termino aqui este pequeno rol de inscrições Peninsulares onde se faz referência ao porco.

Avenida Marechal Gomes da Costa

Porto — Novembro de 1982.